

Suassuna diz que vai se prevenir

O senador Ney Suassuna, que levou um tapa na última terça-feira, do colega Antônio Carlos Magalhães, deixou uma ameaça no ar: "Da próxima vez, venho prevenir", disse ele. Sem se referir diretamente qual seria sua providência pessoal, Suassuna deixou claro que pode se armar para enfrentar ACM. E, desde o dia do tapa, o senador paraibano repete pelos corredores que "é preciso mostrar que aqui não tem ninguém mais macho do que outro".

No lugar de ameaça velada, um outro paraibano agredido por ACM, o senador Humberto Lucena, também do PMDB, reagiu buscando a legalidade: criou a Corregedoria e a Comissão de Ética do Senado. Os dois projetos são de sua autoria e ele é mais um que reclama do pouco caso do corregedor Romeu Tuma: "Não está escrito em nenhum lugar que ele precisa ser convocado para agir". Contra Lucena, Antônio Carlos Magalhães, em trabalho das comissões, berrou: "Cala a boca. Eu não deixei seu mandato ser cassado", numa referência ao episódio do uso da gráfica do Senado, por Lucena.

O senador baiano também investiu contra o brigadeiro Ivan Serpa, convidado do Senado para depor na supercomissão que avaliou o projeto Sivam. Quando soube que o brigadeiro criticara a troca de votos para aprovação do projeto contra cargos, ACM, logo na abertura dos trabalhos, foi dizendo: "Nesta Casa o se-

nhor não fala. Está encerrada a sessão". E no corredor, continuou a briga, chamando Serpa de "safado". A reação do convidado também foi forte: "Ladrão".

Osmar Dias — Na verdade, a briga do dia 16 de janeiro com o brigadeiro Serpa envolveu outros senadores. Bem antes de ACM cassar a palavra do convidado, dois outros senadores já demonstravam não ter qualquer disposição em ouvir Serpa: Jefferson Peres (PSDB-AM) e Osmar Dias

conterrâneo, Luís Roberto de Oliveira (PTB-PR), suplente do ministro José Andrade Vieira, teve como causa uma questão estadual. Discutia-se a rolagem da dívida do Paraná. Requião, com sua habitual ironia e querendo agilizar os trabalhos, sugeriu que se adotasse os procedimentos anteriores, ou seja, votação "quase" simbólica. Foi o suficiente para Oliveira responder com mais ironia ainda e Requião partiu para o ataque.

Tiros — Todas estas disputas remetem a um triste episódio acontecido no início dos anos 60 no Senado Federal. Uma história paroquial entre o senador Arnon de Mello (pai do ex-presidente Fernando Collor) e o senador Silvestre Péricles terminou de forma trágica. Os dois, que levavam ao plenário do Senado as brigas alagoanas pela disputa do Governo se provocavam pelos microfones. Péricles era mais virulento nos seus ataques. Arnon de Mello, que se orgulhava de ter uma vasta biblioteca, não titubeou. Na sessão seguinte, e depois de avisar aos companheiros que não aceitaria mais nenhum ataque, chegou armado ao plenário. Na primeira investida de Péricles, Mello sacou a arma. Fotógrafos e jornalistas se abaixaram. O senador José Kairala, que estréia no mandato como o primeiro senador eleito no recém-criado estado do Acre foi atingido. E morreu. Arnon de Mello jamais respondeu a processo por homicídio. (MM)

*"Aqui é preciso
mostrar que não
tem ninguém
mais macho do
que o outro"*

Ney Suassuna

(PSDB-PR). Foi Peres que provocou a mesa da supercomissão sobre Frota e, encerrado os trabalhos, Osmar Dias avançou contra o brigadeiro dizendo: "Palhaço". A resposta de Frota também foi imediata: "Vendilhão". Não houve cena de pugilato porque a segurança do Senado interferiu mas todos os envolvidos estavam à beira de um ataque de nervos.

Requião — A cena entre o senador Roberto Requião (PMDB-PR) e seu